

RELATORIO DE SEMINARIO

Konrad-Adenauer-Stiftung e.V.

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:
ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

VIII Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana

NOVOS TEMAS NA AGENDA DE SEGURANÇA INTERNACIONAL

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

Conteúdo

Página 1 – Perspectivas da América Latina e Europa

Página 3 – Mudança climática e energia como temas de segurança

Página 5 – Ameaças comuns para a segurança marítima

Página 7 – Tráfico de ilícitos, fronteiras e segurança nacional

Página 8 – Forças armadas e pacificação urbana

Página 10 – Tópicos Retrospectivos e futuros

Nos dias 3 e 4 de novembro, a Fundação Konrad Adenauer (KAS) organizou em parceria com o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) e o apoio da União Europeia, a VIII Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana. O encontro ocorreu no JW Marriott Hotel, em Copacabana, Rio de Janeiro, e reuniu diversos palestrantes dos dois lados do Atlântico. Durante o evento, foram discutidos os “Novos Temas na Agenda de Segurança Internacional”. A Conferência foi aberta ao público de especialistas na área de segurança internacional, representantes das forças armadas, acadêmicos, políticos e corpo diplomático de vários países, além da cobertura de imprensa local e nacional.

Os três palestrantes apresentaram suas visões acerca de um mundo em mudança e os novos desafios na área de segurança que o acompanham. Eles concordaram quanto à visão de que o poder está sofrendo um deslocamento, dos tradicionais centros para uma nova constelação de atores, tanto estatais como não-estatais. Como resultado desse processo, o poder será mais fragmentado e disperso ao redor do globo. Ao mesmo tempo, a globalização ainda está fazendo o seu trabalho, internacionalizando todas as grandes questões do nosso tempo, tornando os desafios de segurança nacional em internacionais. Os exemplos mencionados incluem o crime organizado - tanto crime cibernético como crime organizado tradicional -, problemas ambientais, segurança alimentar e energética, estabilidade comercial e financeira, dentre outros. Em

uma nova ordem mundial como essa, multilateralismo e cooperação são essenciais para uma relação pacífica e bem-sucedida entre os Estados.

A Embaixadora Zacarias destacou a importância de organizações regionais neste contexto e traçou um rápido panorama do recentemente estabelecido Serviço Europeu de Ação Externa (SEAE), que oferece uma nova maneira para os europeus examinarem seus interesses em comum e que os possibilita agir em bloco em questões de importância global.

O Embaixador Castro Neves proporcionou ao público um vislumbamento do futuro próximo ao falar da contínua emergência da China, fundamentando sua argumentação com números e fatos, como o de que, em alguns anos, a classe média chinesa poderá alcançar a cifra de quase meio bilhão de pessoas.

O Dr. Knirsch falou da importância da cooperação entre a América do Sul e a Europa. Ligados pela história, língua e cultura, ambos continentes compartilham o interesse comum de construir o mundo de amanhã de forma conjunta.

Perspectivas da América Latina e Europa

Depois dessa breve introdução, os palestrantes inaugurais prosseguiram a Conferência. O primeiro a falar foi o General do Exército Brasileiro e Diretor do Departamento de Inteligência Estratégica do Ministério

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:

ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

da Defesa do Brasil, Sr. Francisco Carlos Modesto, que foi sucedido pelo Sr. Ulrich Schlie, Diretor de Planejamento de Políticas do Ministério da Defesa da Alemanha. O último a falar foi o Sr. Diego Pupato, Representante da Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério da Defesa da Argentina.

O General Modesto apresentou uma perspectiva de segurança do ponto de vista brasileiro, assim como explicou as escolhas do Brasil relacionadas à sua posição geopolítica. Ele concordou com o panorama geral apresentado pelos discursos iniciais e com as ameaças mencionadas, dividindo as mesmas colocações em algumas categorias ligadas ao setor militar, à natureza e à economia. O General Modesto argumentou que as forças armadas do século XXI devem estar atentas a todos esses tipos de ameaças e preparar seu pessoal adequadamente. Isso implica, em sua perspectiva, que os soldados do futuro sejam treinados de novas maneiras, tenham um conhecimento geral mais amplo, saibam como usar seus instrumentos tradicionais, como o rifle de assalto; mas também saibam, por exemplo, o que é o direito internacional e como agir de acordo com o mesmo perante as ameaças globais. Ele argumentou que muitos dos novos desafios, como o crime internacional, o tráfico e o comércio de drogas, estão conectados com a proliferação de Estados falidos e semi-falidos pelo mundo, e que seria do interesse da comunidade internacional conter essa tendência, algo que só pode ser alcançado através da cooperação internacional.

No que concerne a posição geopolítica brasileira, o General Modesto descreveu o país como um gigante no sul, distante dos mais importantes mercados globais e marcado por uma enorme fronteira terrestre, com dez diferentes países. Junto com muitos desses países fronteiriços, o Brasil divide a Floresta Amazônica, ainda pouco povoada e com potencial de riquezas imensuráveis. Muitas das riquezas amazônicas estão escondidas no fundo dos rios, embaixo da terra, ou encontram-se na forma de plantas e animais. Esses tesouros atraem muitos criminosos e caçadores ilegais, que, em procu-

ra de dinheiro rápido, deixam um rastro de morte ao envenenar rios e destruir a flora e fauna locais. Para prevenir que isso aconteça e assegurar o bem-estar do ecossistema e dos habitantes, o Estado deve aumentar a sua presença e atuar em parceria com todos os países da região, de maneira a controlar as fronteiras porosas e dividir o conhecimento de fazê-lo, assim como realizar treinamentos em conjunto. Ao encerrar sua exposição, o General Modesto falou sobre a questão do Atlântico Sul, pois considera que este assunto deve ser discutido mais adiante no futuro.

O Sr. Schlie começou sua apresentação com a descrição da atuação do Ministério da Defesa da Alemanha e sua percepção sobre o Brasil. Para ele, o Brasil atua como condutor de crescimento, com possibilidades de grande influência nas relações internacionais e um país que irá moldar o século XXI. Sr. Schlie expressou a importância do entendimento mútuo, especialmente através da compreensão de si mesmo, do que se quer, dos principais interesses e objetivos a serem alcançados. Quanto à Alemanha, ele explicou o processo em andamento de realinhamento do exército alemão, conhecido como Bundeswehr, com a intenção de adaptar as forças armadas às tendências atuais e de acentuar o papel estratégico da Alemanha no mundo. Identificando metas em comum, o Sr. Schlie apontou para o desejo de ambos os países ganharem um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), uma meta que os dois países deveriam auxiliar um ao outro.

O Sr. Schlie prosseguiu ao afirmar que o mundo está em constante e rápida mudança. A Primavera Árabe possibilitou a expulsão de Ben Ali, Mubarak e Gathafi; até Bin Laden não está mais presente. Entretanto, o desaparecimento de déspotas de longa data e tiranos não necessariamente faz do mundo um lugar mais seguro, fragmentos de poder como Estados estão se tornando menos importantes em termos relativos e atores não-estatais estão se movendo para o protagonismo, fazendo com que aumente a complexidade do sistema internacional. Enquanto a globalização está tornando os Estados mais interdependentes, a já mencio-

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:

ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

nada configuração de ameaças está se tornando mais internacional. Dessa maneira, sistemas de aliança e segurança coletiva são elementos-chave para a prevenção de tendências negativas da globalização. A responsabilidade pela defesa e proteção de quaisquer cidadãos de um país, argumentou Schlie, não termina na fronteira do mesmo. Ao contrário, através dos sistemas de alianças internacionais, os Estados devem confiar em seus parceiros para agir no interesse coletivo, assegurar sua posição e prover segurança.

Sobre a Organização das Nações Unidas (ONU), o Sr. Schlie considera que ela permanece uma das mais importantes organizações, pois é a única que verdadeiramente reúne todos os Estados. Como tal, seu papel deve ser reforçado, inclusive para adaptar-se às novas realidades. Para encerrar, o Sr. Schlie reiterou que Brasil e Alemanha devem ser incluídos como membros permanentes nos níveis mais elevados do debate internacional, e que ambos possuem o interesse de auxílio mútuo para alcançar essa meta.

O Representante do Ministério da Defesa da Argentina, Sr. Diego Pupato, apresentou a perspectiva de segurança internacional do seu país. A meta central das forças armadas argentinas é a preservação da independência e soberania do país. Referindo-se à América do Sul, o Sr. Pupato disse que o subcontinente é abençoado por riquezas inacreditáveis: água em abundância, solos férteis, minerais, animais e outros. Entretanto, nenhum país pode assegurar tais riquezas por si só e, por isso, os países devem unir-se em organizações regionais para a proteção deles mesmos e das riquezas contra as ameaças estrangeiras. Dentre as organizações regionais existentes, a Argentina gostaria de ver a afirmação da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL). Ele acrescentou que no processo de integração na América Latina, todos os elementos das diversas sociedades têm que ser incluídos, pois os projetos não podem representar somente àqueles beneficiados por negócios ou da área de segurança.

No debate que sucedeu os discursos iniciais, os palestrantes aprofundaram alguns dos argumentos. Sobre as implicações do comércio de drogas, o General Modesto afirmou a importância de colaboração, o que inclui o compartilhamento de imagens de satélite e inteligência em geral. O tráfico de drogas, de acordo com o General Modesto, está criando toda uma configuração de desafios, tornando alguns Estados da costa africana em narco-Estados, como resultado das drogas que passam através deles para a Europa e, conseqüentemente, Estados falidos. A afirmação do Sr. Pupato de que a soberania é para o seu país a maior meta, ao lado de uma expressão positiva quanto ao processo de integração e reforço da organização regional, foi motivo para muitas perguntas providas do Sr. Schlie. Baseado na experiência do projeto europeu, o Sr. Schlie queria saber como o Sr. Pupato pensa que essas duas posições podem ser combinadas. O Sr. Pupato respondeu que, na sua visão, a cooperação não implica em enfraquecimento da soberania. Dessa maneira, foi encerrado o primeiro dia da VIII Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana.

Mudança climática e energia como temas de segurança

No dia 4 de novembro, segundo dia da conferência, as atividades foram iniciadas com dois workshops, que aconteceram simultaneamente. O primeiro workshop foi voltado para as mudanças climáticas e energia como temas de segurança. Para falar sobre esses temas, três especialistas foram convidados: a Doutora Francine Jácome, Diretora Executiva e Pesquisadora do Instituto Venezuelano de Estudos Sociais e Políticos da Venezuela; o Doutor Jeffrey Mazo, Pesquisador de Segurança Ambiental e Políticas Científicas do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS), do Reino Unido; e o Doutor Odilon Marcuzzo do Canto, Secretário da Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle (ABACC), do Brasil. O debate foi moderado pelo Coordenador Acadêmico do CEBRI, Sr. Leonardo Paz.

A Dra. Jácome apresentou os temas: o processo de mudança na situação da segurança

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:
ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
[facebook.com / KAS.Brasil](https://facebook.com/KAS.Brasil)
[twitter.com / KASBrasil](https://twitter.com/KASBrasil)

na América Latina e o papel das mudanças climáticas, energia, UNASUL e ALBA (Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América) na região. Na visão dela, a agenda de segurança latino-americana sofreu uma mudança em seus temas centrais, o que significa que ameaças não convencionais como tráfico de drogas, crime organizado e desastres naturais estão sendo priorizadas, no lugar das ameaças tradicionais. Nesse contexto, a UNASUL surgiu com a proposta de uma arena alternativa para a resolução de conflitos e diálogo entre seus membros, o Conselho de Segurança Sul-Americano. Ela destacou a função dessa arena de discussão, que tem apresentado a tecnologia e a indústria de defesa como suas principais preocupações. Existe uma tendência, segundo a Dra. Jácome, de lidar com a soberania de uma nova maneira, baseada na crescente significância da proteção dos recursos naturais e da democracia. A missão do Conselho seria a de assistência em caso de emergências em temas como esse.

A Dra. Jácome comentou sobre as diferenças entre a UNASUL e a ALBA, demonstrando as particularidades de cada organização. No que diz respeito aos assuntos energéticos, a comparação revelou que a primeira possui um programa chamado Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), que se ocupa de projetos relacionados à energia, aos recursos naturais e à comunicação. Já na segunda organização, a ALBA, a energia é o ponto central, que motivou a sua criação em primeiro lugar. A sua ênfase é na produção do petróleo, uma commodity de exportação muito importante para os membros da instituição. Sobre a estratégia de defesa, o foco da ALBA é a prevenção de uma possível intervenção estadunidense na região. A Dra. Jácome concluiu que a energia definitivamente tornou-se um tema regional e geopolítico na América Latina.

O Dr. Mazo expôs a problemática das mudanças climáticas. Ele destacou os vários problemas envolvidos quando a mudança do clima é o assunto em questão; como a disseminação de doenças e a instabilidade social em comunidades afetadas pelas modificações no meio ambiente. O aquecimento

global tem o potencial de provocar e agravar conflitos muito além dos climáticos. Terrorismo, crime internacional, crise de alimentos e guerra civil são somente alguns exemplos de ameaças para a segurança, que podem se tornar mais prováveis ou intensas se nada for feito contra o aumento da temperatura global. Ele afirmou que “as mudanças climáticas são simplesmente um multiplicador de ameaças.”

O Dr. Mazo deu alguns exemplos de conflitos, os quais ele acredita terem sido causados, dentre outras variáveis, por uma modificação climática. Um desses conflitos foi o que ocorreu na região de Dafur (2003-2010). Ele prosseguiu afirmando que as mudanças climáticas são um problema de longa duração e suas consequências, como o aumento do nível do mar, devem ser resolvidas através da cooperação. A constituição de um consenso acerca do modo como lidar com o aquecimento global, evitá-lo ou diminuí-lo, é uma importante condição para resolver o problema. Para ele, cenários catastróficos são prováveis e a cooperação entre os países e atores internacionais é a melhor maneira de combatê-los.

O Sr. Marcuzzo se ocupou do tema energético. Ele discutiu sobre energia como uma questão relacionada ao poder e segurança. Conforme salientou, a população mundial está crescendo rápido e alcançou o número de sete bilhões de habitantes em 2011. Dessa maneira, a variável populacional ganha mais importância na presente situação. Uma das perguntas principais é: “como nós alimentamos a crescente população de uma maneira justa e equilibrada sem destruir o meio ambiente?” O ponto-chave para responder essa questão, de acordo com o Dr. Marcuzzo, é através da energia. Ele apontou que, se a questão das fontes energéticas for resolvida, os problemas da humanidade estarão em grande medida resolvidos. Existem muitos tipos de fontes de energia, como o sol, vento, combustíveis fósseis, fissão nuclear e água. Todos eles apresentam vantagens e desvantagens, mas a energia nuclear é, na opinião dele, a melhor opção, por causa da sua intensidade energética, que significa sua capacidade de produzir muita energia com uma pequena quantidade

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:

ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

de de material. Outro tema polêmico apresentado pelo Dr. Marcuzzo foi o acidente nuclear em Fukushima, no Japão, o qual ele vê como uma prova da qualidade da energia nuclear. Isso porque a usina estaria preparada para o tsunami, mas o tamanho do tsunami desse ano foi maior do que qualquer sistema poderia ter previsto.

Durante o debate, algumas ideias interessantes foram expostas. A Dra. Jácome lembrou que a ALBA é uma ferramenta fundamental para a política venezuelana, desempenhando um importante papel nas relações internacionais com os outros países. O Dr. Mazo também chamou a atenção para a necessidade de um acordo global sobre as mudanças climáticas, que deveria ser aceito por todos os países do mundo. E o Dr. Marcuzzo encerrou o debate destacando a necessidade de redistribuição de poder dentro da Organização das Nações Unidas, de maneira que represente o mundo atual, e não o que foi há 60 anos.

Ameaças comuns para a segurança marítima

O segundo workshop foi sobre as ameaças comuns para a segurança marítima. Os palestrantes convidados foram o Almirante Iván Valenzuela Bosne, Diretor de Segurança e Operações Marítimas da Armada Chilena; procedido pelo Dr. Markus Kaim, Chefe do Departamento de Segurança Internacional da SWP, da Alemanha; e Dr. Alfredo Valladão, Professor da Universidade de Paris, na França. O debate foi moderado pela senhora Aline Bruno Soares, Coordenadora de Projetos da Fundação Konrad Adenauer.

O Almirante Bosne iniciou sua apresentação afirmando a importância do controle dos mares. Este controle está diretamente relacionado ao narcotráfico e ao contrabando de outros itens ilegais, à segurança do comércio mundial, à disseminação da pirataria e ao crime em geral. O Almirante Bosne argumentou que enquanto isso tem sido verdade, desde o 11/9, a comunidade internacional se uniu e aumentou a cooperação nos mares, reconhecendo a ameaça adicional do terrorismo internacional. Como resultado disso, programas de vigilância marítima fo-

ram implementados, os quais monitoram os mares ao coordenar empreendimentos e dividir imagens de satélite. Além disso, ele citou a importância das organizações internacionais e do seu papel de controle das águas internacionais, pois estas deveriam estar equipadas com tecnologias mais modernas e deveriam ser auxiliadas pela comunidade internacional com recursos financeiros e humanos. Todos devem unir recursos e esforços para trabalhar em conjunto na segurança dos mares. Dessa maneira, o Almirante Bosne argumentou que a ideia de completa e total soberania à qual alguns Estados ainda se prendem deve ser reconsiderada, tendo em vista que alguns avanços tecnológicos como as imagens de satélite e os perigos ao interesse comum em uma navegação livre fizeram o conceito, em diversas situações, tornar-se obsoleto.

O Dr. Kaim abordou o tema da pirataria. Ele argumentou que há um novo fenômeno em andamento, apesar dos romanos já terem lidado com estes problemas séculos atrás. Até décadas passadas, pirataria era um tema superado, que imaginava-se acabado. No entanto, a questão voltou a preocupar, devido à atuação de grupos de piratas marítimos. A União Europeia define pirataria como crime organizado, e como tal, constitui uma das cinco maiores ameaças ao velho mundo. A maneira pela qual essa ameaça se apresenta é através da interrupção do fluxo de livre comércio das matérias-primas, vitais para as indústrias europeias. O Dr. Kaim definiu cinco principais áreas para as quais a pirataria é uma ameaça contra a liberdade de comércio e de navegação: o Golfo de Áden, o Golfo da Guiné, o Estreito de Malaca e os mares ao redor do sul do subcontinente indiano. Oferecendo algumas estatísticas, o Dr. Kaim afirmou que 49 dos cerca de 20.000 navios que passaram pelo Golfo de Áden em 2008 foram seqüestrados, o que representa uma porcentagem pequena. Sobre a Alemanha, o Dr. Kaim disse que o país exporta cerca de 20% dos seus bens através dos mares e que 42% de todos os navios que foram sequestrados no Golfo do Áden estavam de alguma forma relacionados à Alemanha. Enquanto esses ataques não ameaçaram o funcionamento das economias asiáticas ou europeias, eles

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:
ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

tiveram impacto na segurança alimentar, quando navios destinados a refugiados foram sequestrados. Outra consequência da pirataria é o aumento dos custos de transporte marítimo, pois o risco é transmitido para as companhias de seguro e aos consumidores e produtores.

O Dr. Kaim abordou a responsabilidade da comunidade internacional, que se concretiza na forma de diversas missões armadas juntas no envio de navios e patrulhamento dos mares, com abrangente gama de parceiros que de outra maneira estariam pouco conectados. Os resultados até agora foram positivos, pois diversos carregamentos importantes foram protegidos e atingiram seus destinos, visto que as rotas de navegação estão mais protegidas.

Para o Dr. Kaim, a pirataria não seria um 'problema marítimo', mas sim de ordem terrestre. Estados falidos não são capazes de patrulhar suas próprias costas e seus territórios estimulam a presença de elementos criminosos na sociedade, bem como grupos organizados que atuam na pirataria marítima. Além disso, a comunidade internacional enfrenta problemas legais: o que fazer com piratas capturados? Qual país ou organização deve processá-los e prendê-los? A solução incluiria, assim, a estabilização dos Estados a partir do qual os piratas operam.

O Dr. Valladão apresentou a re-emergência do Atlântico Sul como uma região estrategicamente importante. Vários fatores desempenham um papel-chave neste processo: como a descoberta de novas fontes de energia em áreas de águas profundas. Estes portadores de energia tradicionais continuarão a dominar os mercados internacionais, enquanto as energias renováveis e verdes vão precisar de muitos anos para tornarem-se acessíveis e disponíveis em quantidades suficientes. Os minérios também são hoje uma grande fonte para todas as indústrias ao redor do mundo. Em seguida, há locais de pesca importantes na alimentação da crescente população mundial, pois fornecem proteínas vitais, bem como uma importante fonte de renda para milhares de pessoas. Enfim, há a importância crescente das rotas de navegação que atravessam o Atlântico

Sul, seja de novos e gigantescos navios que não conseguem navegar através das rotas tradicionais de Suez ou do Panamá e, assim, escolhem o Cabo da Boa Esperança ou a ponta sul da América do Sul; ou a crescente frota comercial do Brasil, que corresponde à demanda do crescimento da economia brasileira.

O Dr. Valladão argumentou que o atendimento às novas necessidades do Atlântico Sul deve incluir todos os países do Atlântico, Norte e Sul, porque só juntos eles conseguirão resolver todos os desafios desta situação, bastante semelhante ao do Mar da China Meridional, que precisa ser evitada na região sul-americana.

Novos desafios nomeados pelo Dr. Valladão incluem a ascensão dos Estados-narcotraficantes e falidos na África Ocidental. Estes estão sendo usados como Estados de trânsito por traficantes internacionais, que destinam suas drogas à Europa. Além disso, o Dr. Valladão apontou os perigos que os russos iniciaram ao trazer para a agenda as discussões sobre a exploração de recursos naturais da Antártida. Isso poderá trazer competição geopolítica, envolvendo uma ampla gama de atores, a partir do interior da região, bem como do exterior. Por isso, a prosperidade do Atlântico Sul é uma questão de segurança coletiva, e se bem coordenada entre todos os parceiros, a região poderia se tornar uma fonte de grande riqueza para todos.

Tráfico de ilícitos, fronteiras e segurança nacional

Depois de uma pausa para o almoço, a conferência prosseguiu com um debate sobre o tráfico ilícito, controle de fronteiras e segurança nacional. Estavam presentes a Doutora Rebeca Steiman, pesquisadora do grupo Retis e Professora de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; o senhor Fernando Destito Francischini, Deputado Federal e delegado da Polícia Federal do Brasil; e o senhor Javier Fernando García Duchini, Deputado Federal e presidente do Comitê de Defesa do Uruguai. O painel foi moderado pela professora de Relações In-

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:
ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

ternacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutora Miriam Saraiva.

O Deputado Francischini apresentou as dificuldades enfrentadas pelas agências policiais brasileiras que, quando conseguem prender os principais líderes do submundo do crime, as vagas são rapidamente preenchidas por outros traficantes e o trabalho das agências voltam para onde estavam no início. Como resultado, o Estado deve se perguntar se a repressão é suficiente, e a resposta só pode ser "não". O Estado deve adotar uma abordagem mais abrangente, que leve em consideração os fatores subjacentes, como a dimensão internacional. Assuntos internacionais têm uma influência direta sobre o crime nacional, seja intencional ou não. Como exemplo, o Sr. Francischini indica a política que relaxa as leis que restringem o plantio de plantas de coca na Bolívia. O presidente Morales da Bolívia poderia ter tido boas intenções para atender seu eleitorado, respeitando a sua cultura tradicional, mas o efeito para o Brasil foi o aumento no influxo de cocaína da região, que por sua vez abastece o crime. Informando sobre o tema das drogas, o Sr. Francischini argumentou que, embora o Brasil não seja um grande produtor de droga, é um importante exportador, porque os traficantes querem usar seu prestígio positivo em todo o mundo. Ao invés de exportarem a cocaína através de Barranquilla, eles preferem fazê-lo através do Rio de Janeiro, que gera menos alerta aos agentes de segurança nos portos de destino. Voltando para as prioridades que o Estado deve ter além da repressão, o Sr. Francischini apresentou uma estratégia de três colunas: repressão, prevenção e retirada de áreas abandonadas pelo Estado, para evitar que os criminosos tenham refúgios.

O Sr. Duchini falou sobre os desafios que surgem da proliferação internacional de armas. Ele afirmou que este problema tem um enorme impacto sobre as sociedades sul-americanas e causa efeitos diretos sobre os direitos humanos e a qualidade de vida de todos os cidadãos. Ele descreveu duas dimensões - interna e externa - e disse que havia duas razões pelas quais as armas vieram à América do Sul: política e econômica.

Portanto, qualquer solução significa que os países da região precisam unir esforços e coordenar suas ações.

Forças armadas e pacificação urbana

O último painel da VIII Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana teve o título de "As forças armadas e a pacificação urbana". Os palestrantes foram o senhor Paulo Augusto Teixeira, tenente-coronel da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro; o senhor Jesus Ramirez Cano, diretor da Empresa de Segurança Urbana da Colômbia; o doutor Paolo Tripodi, chefe do ramo da ética do Lejeune Leadership Institute, do US Marine Corps University; e o doutor Kai Michael Kenkel, professor de relações internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O debate foi moderado pelo doutor Antonio Jorge Ramalho da Rocha, professor de relações internacionais da Universidade de Brasília.

O tenente-coronel Teixeira apresentou ao público um panorama histórico sobre a atuação do Estado do Rio de Janeiro em favelas controladas por traficantes. Ele reiterou a importância do Estado controlar todos os territórios, embora isso envolva, em alguns casos, confrontos armados e repressão. Em sua perspectiva, isto é apenas um aspecto de um plano geral e não a solução em si. Ele mencionou também o perigo do Estado dismantelar um grupo criminoso, mas outra organização preencher o vazio deixado. Assim, uma vez que o Estado entra em uma área sem lei, deve ocupá-lo e permanecer lá. Esta é a idéia subjacente da "Unidade de Polícia Pacificadora" (UPP), o programa que foi formulado em 2008 em cooperação entre as forças de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro e as universidades. O desafio incluía questões sobre logística e a construção de uma presença estatal permanente, pois a idéia era uma vez a atuação do Estado restabelecida, este deveria acompanhar e oferecer aos cidadãos serviços sociais, como saúde e educação. Até o final de 2010, muitas das chamadas UPPs foram estabelecidas, mas novos desafios surgiram quando várias facções criminosas resolveram provocar um impasse. Em resposta, as

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:

ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

Forças da Marinha do Brasil foram convidadas a participar do projeto, devido à sua experiência em missões pacificadoras em todo o mundo, como no Haiti.

Sr. Cano falou sobre sua experiência na cidade colombiana de Medellín. Durante muitos anos, foi considerada a cidade mais perigosa do mundo, controlada por facções fortemente armadas. O Presidente Uribe iniciou um programa de longo prazo que, após oito anos de atuação, deu a vitória ao Estado. Durante a execução desse programa de segurança pública, as forças de segurança colombianas confrontaram quadrilhas, prenderam seus líderes e mais de 35 mil armas foram confiscadas ou entregues. Como reflexo da operação, houve uma queda acentuada do número de tiroteios, seqüestros, assassinatos e outros crimes. No entanto, isso não significou que o Estado podia declarar vitória e ocupar essas áreas. Era necessária uma abordagem multidimensional. Por um lado, o Estado iniciou a integração, nas suas próprias forças armadas, de elementos das forças paramilitares ilegais, para assim retirá-los das ruas, mesmo sendo estes responsáveis em parte pela violência nas cidades. Por outro lado, o Estado criou centros de reabilitação onde ex-combatentes poderiam se entregar, recebendo apoio do Estado. Todavia, não era o momento do "final feliz". Sr. Cano explicou ao público que os criminosos que antes eram organizados em facções paramilitares de direita, adaptaram e mudaram de estratégia. Muitos passaram a competir por cargos públicos e foram eleitos como políticos da cidade, tornando-se "para-políticos", como o Sr. Cano os denominou. Em 2009, houve uma recorrência da violência e muitas partes da cidade se tornaram novamente áreas proibidas, controladas por gangues armadas. Contudo, o presidente Uribe se comprometeu a não desistir de Medellín e convocou os militares a retomarem rapidamente o controle da situação. Muitos dos líderes dos criminosos foram capturados e extraditados para os EUA, pois o presidente Uribe os queria fora da Colômbia. Entretanto, a tática deu errado, pois o governo dos Estados Unidos fez acordo com muitos dos criminosos em troca de partes de suas fortunas ou de informações importantes para o

combate ao tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Com isso, eles foram libertados e retornaram à Colômbia, trazendo a violência de volta às ruas. Mesmo com contratempos, o Estado estava decidido a combater a violência. Sr. Cano enfatizou que hoje em dia é um consenso a necessidade de toda a sociedade participar da solução. Assim, o Estado iniciou programas de prevenção, informando aos jovens os problemas e riscos das milícias, gangues e forças paramilitares. Também programas de mobilização da população e de reabilitação dos criminosos foram colocados em prática.

O doutor Tripodi falou sobre a experiência do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA no confronto com guerrilhas urbanas e insurreições em todo o mundo. Em sua análise, tais missões deveriam ser chamadas de "pequenas guerras", conforme ele sugeriu. Ele fez uma breve excursão pela história, ao falar sobre o general britânico Mike Jackson, que fez parte das Forças ocidentais na Bósnia. Quando a Rússia ocupou inesperadamente o aeroporto de Prístina, em 1999, o General teve a missão de retomá-lo. No entanto, ele se recusou a aplicar a força, argumentando que haveria maneiras melhores do que o confronto direto para atingir o objetivo. Desta forma, ele se tornou um especialista em pacificação, manutenção da paz e construção da nação. O Dr. Tripodi explicou que a experiência do General Jackson é ilustrativa de um dos componentes na busca pela pacificação urbana. Outros fatores incluem a criação de oportunidades econômicas, assim como o respeito às necessidades e desejos das pessoas que vivem no local. A força deve ser aplicada de uma forma sábia, no momento certo, mas também não suave demais.

Geralmente, há três fases que um comandante deve levar em consideração ao invadir uma área: primeiro ele deve entrar com força e subjugar o inimigo. Isto é importante porque vai abrir uma janela de oportunidade. Segundo, assim que a área estiver ocupada, a força deve ser aplicada de uma maneira sábia para manter essa janela de oportunidade aberta. Além disso, o comandante deve agir de forma decisiva, não pode haver espaço para hesitação, pois isso fe-

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:
ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

charia a janela de oportunidade. Terceiro e último, deve ter uma estratégia de saída preparada, com quando e como sair. O Dr. Tripodi exemplificou sua análise ao apresentar a situação em Ruanda. De acordo com seu argumento, se o contingente da ONU tivesse usado força decisiva nos momentos iniciais do genocídio, os autores do massacre teriam, provavelmente, se dispersado e o genocídio nunca teria acontecido.

O doutor Paolo Tripodi apresentou quatro componentes necessários para a criação de forças de paz eficientes. O primeiro é que os soldados devem ter em mente que o compromisso é ajudar a humanidade, não simplesmente ganhar dinheiro. Segundo, o nível de formação dos profissionais envolvidos é da maior importância não apenas em relação à arte da guerra, mas também a linguagem, a educação e o entendimento cultural do ambiente. O terceiro componente refere-se ao conjunto de equipamentos corretos e o quarto é a liderança do grupo, que deve ser comprometida e manter o foco no que tem que ser realizado.

O doutor Kai Kenkel encerrou a mesa apresentando a abordagem europeia para a utilização de forças armadas em cenários domésticos. O Dr. Kenkel argumentou que há uma diferença na maneira como pensadores europeus lidam com esta questão, em comparação com a forma como é feito na América Latina. Referindo-se à Teoria do Norte, o Dr. Kenkel explicou que existe um componente cultural subjacente à abordagem do Norte, pois o envolvimento das forças armadas nos assuntos internos pode potencialmente resultar no enfraquecimento do poder civil e em um eventual golpe de Estado. Por isso, deve sempre ser evitado.

Dr. Kenkel demonstrou em sua análise a razão pela qual a América Latina utiliza mais violência dentro de suas sociedades do que a Europa. Segundo esta teoria, quase todas as questões relativas às fronteiras entre os Estados latinos tinham sido resolvidas por meios diplomáticos pacíficos, enquanto na Europa as fronteiras foram estabelecidas com derramamento de sangue. Por isso, na Europa a raiva era frequentemente dirigida para o exterior, enquanto na América do Sul

era dirigida para dentro. O Dr. Kenkel admitiu que certamente há muitas dúvidas a respeito dessa visão, mas que pode ajudar a compreender o motivo pelo qual as forças armadas do sul muitas vezes focaram a sua atenção para dentro. Outra diferença importante é que na Europa a polícia sempre foi concebida para combater agentes internos de violência - incluindo o terrorismo. E foi suficientemente equipada e treinada para tal ao longo dos anos, de modo que nunca houve a necessidade de qualquer sociedade europeia chamar o exército para ajudar a combater a violência interna. A exceção seria a Suíça, onde os militares têm um papel limitado no contexto doméstico, seja na proteção de embaixadas estrangeiras ou em situações de controle de multidão.

Tópicos Retrospectivos e futuros

Para apresentar uma avaliação geral do debate realizado na VIII Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana, os Doutores Matias Spektor, Coordenador da Fundação Getúlio Vargas, e Keller Patrick, Coordenador da Fundação Konrad Adenauer em Berlim, apresentaram um breve resumo e destacaram temas que podem vir a ter grande relevância no próximo ano. O Dr. Spektor apontou que, apesar da enorme variedade de temas apresentados no evento, muitos de importância regional para a América Latina, o Mercosul não foi contemplado em nenhum painel. Especialmente nos debates sobre o tráfico de drogas e de segurança interna, a ligação entre mercado integrado e cooperação em questões de segurança era evidente, mas também em relação aos novos desafios como as alterações climáticas e a segurança energética. Para ele, todas as abordagens só poderão ter sucesso se tratadas com maior integração na região. Como parte do desenvolvimento da política de segurança do Brasil, o Dr. Spektor destacou que em breve será o lançamento do primeiro Livro Branco sobre política de defesa e segurança na história do país. Este tema seria bastante interessante para a discussão durante o Forte de Copacabana de 2012.

O Dr. Keller abordou aspectos teóricos relacionados à VIII Conferência de Segurança

Konrad-Adenauer-Stiftung e.V.

BRASIL

GREGORY JOHN RYAN
COM COLABORAÇÃO DE
LUKAS LINGENTHAL &
ANA HELENA CAVALCANTE

TRADUÇÃO E REVISÃO:

ALINE SOARES,
DIEGO ANDRADE
MARKUS DAMMANN

Novembro 2011

www.kas.de/brasilien
facebook.com/KAS.Brasil
twitter.com/KASBrasil

Internacional do Forte de Copacabana. Ele questionou se realmente foram discutidas novas questões na agenda de segurança ou, em vez disso, se foram debatidos os temas de segurança tradicionais em um novo contexto de um mundo cada vez mais globalizado e interconectado. Ele destacou o papel do Brasil em áreas como as relações da América Latina com a OTAN e a participação do país em missões de paz da ONU, especialmente como parte da política em busca de reconhecimento para ter assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Dr. Keller encerrou sua abordagem afirmando que a VIII Conferência de Segurança Internacional do Forte de Copacabana teve o mérito de aproveitar o seu potencial de estabelecer um diálogo profundo entre a Europa e o Brasil em questões da política de segurança internacional.

Em seguida, o Representante da Fundação Konrad Adenauer, Thomas Knirsch, o Presidente Executivo do CEBRI, Embaixador Castro Neves e a Representante da União Europeia, Embaixadora Ana Paula Zacarias agradeceram a participação do público e encerraram o evento.